

## **FRENTE & VERSO\***

**Carlos Felipe Moisés**

### 1.

Desde Baudelaire e Mallarmé, viemos aos poucos nos habituando à ideia de que o poeta inspirado e ingênuo é coisa do passado, fantasia obsoleta. Malicioso, o poeta moderno é senhor do seu ofício e exerce ou almeja exercer, sobre o ato criador, o mais completo domínio. Para nós, cada vez mais, poesia resulta de conhecimento e aplicação, vontade soberana e imaginação controlada, e não de qualquer mistério insondável, mito que os antigos cultivaram, ao longo de séculos.

A ideia ancestral de que a poesia se origina *fora* do poeta, chegando até ele no bojo do ar que ele “inspira”, entra em declínio pela metade do século XIX e passa a ser encarada como simples representação figurada do verdadeiro processo de criação, que se origina *dentro*, podendo então ser investigado à luz, por exemplo, dos avanços da psicologia, da antropologia, da “ciência” literária, claro, e outras ciências. Tais avanços atribuem importância cada vez maior à noção de poesia como trabalho consciente, habilidade, domínio técnico, fruto da vontade deliberada do poeta. “Inspiração” vem a ser, a partir daí, mera convenção literária, à qual já não se atribui nenhum vínculo real com o efetivo processo criador, e a poesia deixa de fazer parte do “maravilhoso”, isto é, das interferências sobrenaturais na esfera humana; deixa, enfim, de ser dádiva dos deuses, vindo a ser concebida como expressão das fabulações de que a arte e o engenho do homem são capazes.

No entanto, de dentro ou de fora, proveniente de concessão divina ou de esforço humano, a têmpera poética, ou aquilo que leva uns poucos indivíduos, e não todos, a serem poetas, segue sendo mistério. Enquanto aguardamos que a poesia, como previu Lautréamont, seja feita por todos, o mito de um modo ou de outro perdura. Nos últimos 150 anos, à medida que se expandia e se impunha a concepção moderna, a velha ideia do “furor” ou do “entusiasmo” (isso de o poeta sentir-se habitado por um deus, como reza a etimologia e como acreditavam nossos antepassados) parece que insistiu teimosamente em permanecer, fazendo novos adeptos, a cada geração. Apesar de Mallarmé ter

---

\* Capítulo de abertura do livro em preparo *Frente & verso: sobre poesia e poética*.

decretado, sentencioso, que poesia não se faz com ideias, mas com palavras, muitos juram, até hoje, secundando Manuel Bandeira: “Não sou poeta quando quero, mas só quando ela, poesia, quer”, na esteira da definição proposta por Benedetto Croce, no início do século xx, a partir da duradoura crença antiga: “A pessoa do poeta é uma harpa eólia que o vento do universo faz vibrar”.

Com base na inusitada convivência de concepções que em princípio deveriam excluir-se, podemos talvez aduzir que o poeta verdadeira e integralmente moderno será aquele que se envolva no propósito da conciliação das duas vertentes, de modo que a poesia venha a ser, para nós, o espaço privilegiado em que malícia e ingenuidade se conjuguem, em regime de ambivalência radical. Dilema intransponível? Um arremedo de “solução” seria passar uma borracha nos avanços notáveis da poesia, e da teoria da poesia, como *deliberação*, que se impôs no curso deste século e meio, e voltar atrás, fingindo acreditar na absoluta *involuntariedade* do ato criador como dádiva divina, concepção defendida pela primeira vez por Sócrates, em suas conversações com Íon, o rapsodo.

Outro arremedo seria apostar tudo nas “coisas claras” sonhadas pelo engenheiro, ou no ato extremo de “cultivar o deserto”, fazendo o possível por ignorar que deserto é “pomar às avessas”, para usar de símiles muito caros a João Cabral de Melo Neto, este que é um dos mais modernos poetas da língua. *In medio virtus*? Quem, nesta nossa sociedade do espetáculo e da descartabilidade de todas as coisas, ainda estará interessado em “virtude”?

O fato é que, há tempos, poeta e leitor vêm sendo convidados a conviver com a ambiguidade e a hibridez, sob pena de perder metade do espetáculo.

## 2.

Os fiapos de memória do tempo em que, no meu caso, tudo começou me garantem que, de início, pareceu natural associar poesia e profissão – sonho esquecido já ao se esboçar, na adolescência. Hoje desconfio que é talvez a chave para o que penso a respeito de poesia & poética – chave inútil, na posse da qual melhor seria esperar que me “abrissem a porta ao pé de uma parede sem porta”, como diz Fernando Pessoa.

“Profissão” e seus derivados (profissional, profissionalismo, mas também professor) delimitam um campo semântico radicalmente ambíguo. De um lado, a conotação positiva:

declaração pública de uma crença, trabalho realizado com proficiência, quase sempre isento de erros e desvios; de outro, a pejorativa: atividade mecânica e impessoal, mero cumprimento de uma rotina. A esta versão negativa de *profissional*, contrapomos a figura do *amador*. Mas à versão positiva podemos contrapor a mesma figura. É só inverter os sinais.

Tal como se dá com “profissão”, o campo semântico em que amar, amador e amadorismo se inscrevem é igualmente ambíguo, podendo ganhar ou perder, num átimo, a conotação positiva ou negativa que lhe atribuamos. De um lado, “amador” é o que não sabe, mas experimenta ou se arrisca a fazer, para chegar a resultados quase sempre inglórios; neste sentido, opõe-se ao profissional da primeira espécie, a positiva. Mas “amador” é também o que ama, e se empenha com fervor naquilo que faz, opondo-se agora à frieza mecânica do profissional da segunda espécie e casando-se bem com o sentido de profissão como confissão de uma crença.

Ao cogitar, pela primeira vez, da inusitada hipótese da poesia como profissão, pensei apenas na conotação benigna: profissional seria o poeta senhor do seu ofício, que realiza com proficiência os seus artefatos chamados poemas, de modo que dedicar-se à poesia, dessa forma, será um ofício como outro qualquer. Mas a experiência se incumbiu de ir fazendo aflorar a conotação contrária, inalienável da anterior.

Quando tudo começou, pensei: o compromisso do poeta há de ser exclusivamente com a poesia. Discorrer a respeito, para analisar e teorizar, e sobretudo para tentar responder à impertinente mas inevitável pergunta “Afim, o que é poesia?”, é tarefa a ser confiada a críticos e estudiosos, e não aos poetas. A quem ocorreria, depois de contemplar por algum tempo “Mulher e pássaro ao luar” ou “Paris através da janela”, perguntar a Joan Miró ou a Marc Chagall: o que é pintura?; ou, depois de ouvir a “Sonata fantasia nº 1”, importunar o compositor, perguntando-lhe: afinal, senhor Villa-Lobos, o que é música? Mas ninguém hesita em dirigir a mesma pergunta aos poetas, dos quais parece legítimo esperar que, além de criar sua poesia, sejam também versados em poética, e estejam aptos a explicar de que se trata.

Durante algum tempo, recusei-me a dar qualquer explicação, até perceber que a pergunta está, há séculos, entranhada na alma do poeta, não é preciso que alguém a faça. Muitas razões haverá para que isto se dê. A mais imediata é que, ao cogitar de sua matéria prima – cores e formas, luzes e sombras, ou sons e silêncios, timbres e cadências

–, o pintor ou o músico estará sempre mergulhado no âmago da sua arte. Não assim com o poeta, que, ao manipular palavras, tanto poderá estar a caminho de um poema como da mais banal e prosaica realidade imediata, a chamada “vida prática”, na qual as palavras, dóceis e transparentes, são via de regra postas a serviço de teorias e explicações. Poesia é coisa ambígua – assim como a palavra, matéria de que é formada, participa ou pode participar simultaneamente de dois mundos: o da arte e o da não-arte. Talvez por isso Heidegger tenha afirmado, a partir de Hölderlin, que a palavra é a mais inocente e a mais perigosa das dádivas.

Vencida a resistência inicial, conformado com a hibridez, tenho passado a vida, não só mas também, a anotar no papel uns esboços de resposta, ou seja, os apontamentos agora reunidos em livro, que quase sempre mais perguntam do que respondem. (Fernando Pessoa não diz que “a melhor maneira de responder é perguntar”?)

### 3.

Este livro trata dos temas acima anunciados. Os textos mais antigos datam dos anos 70, mas a maior parte, cerca de dois terços da coletânea, se concentra em experiências mais recentes, dos anos 90 em diante. Quase todos são avulsos e independentes. À exceção de dois ou três (como este, ora em curso), nenhum foi escrito para fazer parte deste nem de outro livro. A variedade, portanto, era inevitável: depoimentos, confissões, relatos esparsos, entrevistas, retalhos de uma “poética” jamais levada adiante, fragmentos de um diário abandonado ao se esboçar... Todos guardados na mesma pasta, anos a fio, à espera de que um dia se concretizasse a ideia de reuni-los em volume.

Embora não o premeditasse, todos foram concebidos segundo a perspectiva do praticante de poesia, não a do crítico ou teórico, e menos ainda a do professor, que também cheguei a ser, por algum tempo. Mas não quero com isso dizer que sejam dimensões inteiramente separáveis, ou que eu seja capaz de repor em circulação, hoje, o olhar inocente e desarmado com que enfrentei pela primeira vez, na adolescência, antes de ser contagiado pelo vírus da reflexão crítico-teórica, o então chamado “mistério” da poesia. No caso, o exercício da crítica se converteu, há muito, em segunda natureza. A perspectiva adotada diz respeito apenas ao fato de que este livro não pretende ser um tratado sistemático, são só uns apontamentos avulsos, dispostos em ordem cronológica,

que pretendem dar conta de como foi-se desenrolando em meu espírito a luta entre os polos excludentes, atrás delineados.

Ao imaginar esta coletânea, acreditei que já tivesse o título definitivo: *Profissão: poeta*, mas este só perdurou até me dar conta de que, além de prematuro, era demasiado óbvio. Pessoas ganham nomes antes mesmo de chegar à existência, depois passam a vida adaptando-se a eles. Não assim com os livros, que precisam primeiro ter vida própria para só então merecer a sagração do batismo. Título adiado, acabei por topar, folheando umas páginas antigas, com o título que julguei ser – este sim – definitivo: *Geometria em chamas*, expressão que um dia forjei, para definir o indefinível. Poesia não é ambiguidade e hibridez, mescla de ingenuidade e malícia, cálculo e vertigem? Então, quem sabe, pode ser definida como “geometria em chamas”. Não se trata de tentar esconder, com as “chamas”, o tanto de premeditação que o processo envolve, ateando aqui e ali uma ou outra labareda (fogo de palha?), para simular o impulso incontável ou a valorizada involuntariedade. Não se trata, tampouco, de ludibriar o arrebatamento irrefletido, enxertando aqui e ali algum desenho mais elaborado, a “geometria”, artifício tão esperto quanto simplório. Trata-se, antes, de reconhecer que os dois polos antagônicos fazem parte integrante do processo, *ab ovo*, como irmãos siameses, inextricavelmente entrelaçados, cada qual a pelejar continuamente para impor ao outro a hegemonia de suas prerrogativas exclusivas.

“Geometria em chamas” poderia ser um bom disfarce, ou a constatação de que todo traçado criteriosamente geométrico pode, a qualquer momento, entrar em combustão; ou de que toda chama de rebeldia indomável pode inesperadamente gerar o seu secreto sonho de equilíbrio e geometrização. O novo título, portanto, óbvio não era, mas também foi descartado. Bastou eu me dar conta de que era elaborado demais – instigante, quem sabe, mas muito pensado, e com o inconveniente de obrigar o leitor a aguardar que uma explicação como esta o justificasse.

Logo em seguida dei o livro por terminado, mas nada de título. Vi-me então prestes a imitar o gesto aflito com que a grande escritora portuguesa Irene Lisboa batizou uma de suas novelas: *Título qualquer serve*. Mas, quando repassava mais uma vez estas páginas, para verificar se a cria estava toda aí, se nada escasseava ou sobejava, súbito atinei com o título escondido nas entrelinhas, e que me escapara desde o início: *Frente & verso*. Aí está, pensei, agora tenho um título! Fui logo aliciado pelo duplo sentido do

segundo termo, que designa a parte de trás mas remete de imediato à poesia, permitindo que a duplicidade retroaja, para alimentar a ironia da frente falsa. O leitor, porém, dispensará qualquer explicação. É um título simples e direto, falsamente óbvio, mas nada elaborado. É o título deste livro, e não se pensa mais nisso. Mas é preciso combater a ilusão de que haja títulos, ou livros, definitivos.

Cálculo e vertigem, ingenuidade e malícia, inspiração e trabalho: *frente e verso*... O fato é que, anos a fio, não fui capaz de encontrar o desejado ponto de fusão, a conciliação dos contrários, assim na teoria como na prática. Mas fica aí o registro do esforço no seu encaço. Talvez sirva ao leitor para lhe indicar os obstáculos e equívocos a evitar – leitor este, aliás (espero que me releve a falha), que teria sido poupado deste alongado preâmbulo se eu me lembrasse a tempo de que “o único prefácio de uma obra é o cérebro de quem a lê”, como ajuíza Álvaro de Campos, no rascunho de prefácio ao planejado e jamais publicado *Cancioneiro*, de seu amigo Fernando Pessoa.

#### 4.

Por fim, para rematar de vez, é com satisfação que registro aqui meu agradecimento a Álvaro Alves de Faria, Carlos Herculano Lopes, Cida Sepúlveda (esta com o formidável naípe de entrevistadores que reuniu), Cláudio Willer, Edson Cruz, Floriano Martins, Regina Gulla, Regina Igel, Reynaldo Damazio, Ricardo Aleixo e Ricardo Silvestrin, sem cuja instigação benigna mais da metade dessa experiência não teria chegado ao papel – sem mencionar a quantidade de poetas e escritores, os da minha geração, mas também os mais velhos e os mais jovens, alguns muito jovens, com os quais tenho tido o privilégio de conviver. Este livro é fruto desse convívio.